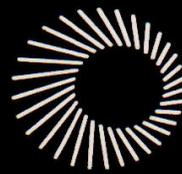


**debates
debates
debates**

filosofia

mircea eliade
MITO E REALIDADE



EDITORA PERSPECTIVA

I. A ESTRUTURA DOS MITOS

A importância do "mito vivo"

Há mais de meio século, os eruditos ocidentais passaram a estudar o mito por uma perspectiva que contrasta sensivelmente com a do século XIX, por exemplo. Ao invés de tratar, como seus predecessores, o mito na acepção usual do termo, i. e., como "fábula", "invenção", "ficção", eles o aceitaram tal qual era compreendido pelas sociedades arcaicas, onde o mito designa, ao contrário, uma "história verdadeira" e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo. Mas esse novo valor semântico conferido ao vocábulo "mito" torna o seu emprego na linguagem um tanto equívoco. De fato, a palavra é hoje empregada tanto no sentido de "ficção" ou "ilusão", como no sentido — familiar sobretudo aos etnólogos, sociólogos e historiadores de religiões — de "tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar".

Insistiremos mais adiante (cf. capítulos VIII e IX) na história dos diferentes significados de que se revestiu o termo "mito" no mundo antigo e cristão. Todos sabem que, desde os tempos de Xenófanes (cerca de 565-470) — que foi o primeiro a criticar e rejeitar as expressões "mitológicas" da divindade utilizadas por Homero e Hesíodo — os gregos foram despojando progressivamente o *mythos* de todo valor religioso e metafísico. Em contraposição ao *logos*; assim como, posteriormente, a *história*, o *mythos* acabou por denotar tudo "o que não pode existir realmente". O judeu-cristianismo, por sua vez, relegou para o campo da "falsidade" ou "ilusão" tudo o que não fosse justificado ou validado por um dos dois Testamentos.

Não é nesse sentido — o mais usual na linguagem contemporânea — que entendemos o "mito". Mais precisamente, não é o estágio mental ou o momento histórico em que o mito se tornou uma "ficção" que nos interessa. Nossa pesquisa terá por objeto, em primeiro lugar, as sociedades onde o mito é — ou foi, até recentemente — "vivo" no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência. Compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos.

Para nos limitarmos a um exemplo, o dos *cargo cults* da Oceania, seria difícil interpretar toda essa série de atividades insólitas sem nos referirmos à sua justificação pelos mitos. Esses cultos proféticos e milenaristas proclamam a

iminência de uma era fabulosa de abundância e beatitude. Os indígenas voltarão a ser os senhores de suas ilhas e não mais trabalharão, pois os mortos retornarão em magníficos navios carregados de mercadorias, iguais às cargas prodigiosas que os Brancos recebem em seus portos. Eis por que a maioria desses *cargo cults* exige, por um lado, a destruição dos animais e utensílios domésticos e, por outro, a construção de amplos depósitos onde serão armazenadas as provisões trazidas pelos mortos. Um dos movimentos profetiza a chegada de Cristo a bordo de um navio cargueiro; outro aguarda a vinda da "América". Uma nova era paradisíaca terá início e os membros do culto se tornarão imortais. Alguns cultos implicam igualmente atos orgiásticos, pois as proibições e costumes sancionados pela tradição perderão sua razão de ser, dando lugar à liberdade absoluta. Ora, todos esses atos e crenças são explicados através do *mito da destruição do Mundo, seguido de uma nova Criação e da instauração da Idade de Ouro*, mito ao qual retornaremos mais tarde.

Fenômenos similares ocorreram no Congo, em 1960, por ocasião da independência do país. Em algumas aldeias, os indígenas retiraram os tetos das casas a fim de dar passagem às moedas de ouro que seus ancestrais fariam chover. Em outras partes, em meio ao abandono geral, somente os caminhos que conduziam aos cemitérios foram conservados, a fim de permitir que os ancestrais chegassem à aldeia. Os próprios excessos orgiásticos tinham um significado, pois, segundo o mito, ao despontar da Nova Era, todas as mulheres pertencerão a todos os homens.

Tudo indica que fenômenos desse gênero tendem a tornar-se cada vez mais raros. Supõe-se que o "comportamento mítico" das antigas colônias desaparecerá depois que adquirirem sua independência política. Mas, o que irá suceder num futuro mais ou menos distante não nos ajudará a compreender o que se passou. O que antes de mais nada nos interessa é captar o sentido dessas estranhas formas de conduta, compreender a causa e a justificação desses excessos. Compreendê-las equivale a reconhecê-las como fenômenos humanos, fenômenos de cultura, criação do espírito — e não como irrupção patológica de instintos, bestialidade ou infantilidade. Não há outra alternativa: ou nos esforçamos por negar, minimizar ou esquecer tais excessos, considerando-os casos isolados de "selvageria" destinados ao total desaparecimento depois que as tribos se tiverem "civilizado", ou fazemos o necessário esforço para compreender os antecedentes míticos que explicam e justificam tais excessos, conferindo-lhes um valor religioso. Esta última atitude é, a nosso ver, a única que merece consideração. Somente quando encaradas por uma perspectiva histórico-religiosa é que formas similares de conduta poderão revelar-se como fenômenos de cultura, perdendo seu caráter aberrante ou monstruoso de jogo

infantil ou de ato puramente instintivo.

O interesse das "mitologias primitivas"

Todas as grandes religiões mediterrâneas e asiáticas possuem mitologias. Contudo, é preferível não iniciar o estudo do mito tomando como ponto de partida a mitologia grega, egípcia ou indiana. A maioria dos mitos gregos foi recontada e, conseqüentemente, modificada, articulada e sistematizada por Hesíodo e Homero, pelos rapsodos e mitógrafos. As tradições mitológicas do Oriente Próximo e da Índia foram persistentemente reinterpretadas e elaboradas por seus respectivos teólogos e ritualistas. Isso não significa, evidentemente, que 1) essas Grandes Mitologias tenham perdido sua "substância mítica" e que não passem de "literatura" ou que 2) as tradições mitológicas das sociedades arcaicas não tenham sido remanipuladas por sacerdotes e bardos. Assim como as Grandes Mitologias que foram finalmente transmitidas através de textos escritos, também as mitologias "primitivas" que os primeiros viajantes, missionários e etnógrafos conheceram na fase "oral", têm uma "história". Em outros termos, elas se transformaram e enriqueceram no curso dos séculos, sob a influência de outras culturas superiores ou graças ao gênio criador de alguns indivíduos excepcionalmente bem dotados.

Não obstante, é preferível começar por estudar o mito nas sociedades arcaicas e tradicionais, reservando para uma análise ulterior as mitologias dos povos que desempenharam um papel importante na história. Isso porque, apesar das modificações sofridas no decorrer dos tempos, os mitos dos "primitivos" ainda refletem um estado primordial. Trata-se, ademais, de sociedades onde os mitos ainda estão vivos, onde fundamentam e justificam todo o comportamento e vida a atividade do homem. O papel e a função dos mitos ainda podem (ou podiam, até recentemente) ser minuciosamente observados e descritos pelos etnólogos. Interrogando os indígenas a respeito de cada mito, bem como de cada ritual das sociedades arcaicas, foi possível apurar, ao menos em parte, o significado que lhes atribuem. Evidentemente, esses "documentos vivos", registrados no curso de investigações efetuadas in loco, de modo algum solucionarão todas as nossas dificuldades. Mas eles têm a vantagem considerável de nos ajudar a colocar corretamente o problema, ou seja, situar o mito em seu contexto sócio-religioso original.

Tentativa de definição do mito

Seria difícil encontrar uma definição do mito que fosse aceita por todos os eruditos e, ao mesmo tempo, acessível aos não-especialistas. Por outro lado, será realmente possível encontrar uma única definição capaz de cobrir todos os tipos e todas as funções dos mitos, em todas as sociedades arcaicas e tradicionais? O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares.

A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos "primórdios". Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a "sobrenaturalidade") de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural.

Teremos ocasião de ampliar e completar essas poucas indicações preliminares, mas é importante frisar, desde já, um fato que nos parece essencial: o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma "história verdadeira", porque sempre se refere a *realidades*. O mito cosmogônico é "verdadeiro" porque a existência do Mundo aí está para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente "verdadeiro" porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante.

Pelo fato de relatar as *gesta* dos Entes Sobrenaturais e a manifestação de seus poderes sagrados, o mito se torna o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas. Quando o missionário e etnólogo C. Strehlow perguntava aos Arunta australianos a razão por que celebravam determinadas cerimônias, obtinha invariavelmente a mesma resposta: "Porque os ancestrais

assim o prescreveram".¹ Os Kai da Nova Guiné recusaram-se a modificar o seu modo de vida e de trabalho, explicando: "Foi assim que fizeram os Nemu (os Ancestrais míticos) e fazemos como eles".² Inquirido sobre a razão de determinado detalhe numa cerimônia, o cantor Navajo respondeu: "Porque foi assim que fez o Povo Santo da primeira vez".³ Encontramos exatamente a mesma explicação para a prece que acompanha um primitivo ritual tibetano: "Como foi transmitido desde o início da criação da terra, assim devemos sacrificar... Como fizeram os nossos ancestrais na antigüidade, assim fazemos hoje".⁴ Essa é também a justificação invocada pelos teólogos e ritualistas hindus. "Devemos fazer o que os deuses fizeram no princípio" (*Satapatha Brâhmana*, VII, 2, 1, 4). "Assim fizeram os deuses; assim fazem os homens" (*Taittiriya Brâhmana*, 1, 5, 9, 4).⁵

Como já demonstramos em outra parte,⁶ mesmo a conduta e as atividades profanas do homem têm por modelo as façanhas dos Entes Sobrenaturais. Entre os Navajos, "as mulheres devem sentar-se sobre as pernas, que estarão voltadas para um lado, e os homens com as pernas cruzadas à sua frente, porque foi dito que, no princípio, a Mulher Cambiante e o Matador de Monstros se sentaram nessas posições".⁷ Segundo as tradições míticas de uma tribo australiana, os Karadjeri, todos os seus costumes e sua conduta foram estabelecidos nos "Tempos do Sonho" por dois Entes Sobrenaturais, os Bagadjimbiri (a maneira, por exemplo, de cozer um certo cereal ou caçar um animal com o auxílio de um cajado, a posição especial a ser adotada ao urinar, etc.).⁸

É inútil multiplicar os exemplos. Como já demonstramos em *Le Mythe de l'Éternel Retour*, e como veremos a seguir com ainda maior clareza, a principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria. Essa concepção não é destituída de

¹ C. Strehlow, *Die Aranda-und Loritja-Stämme in Zentral-Australien*, vol. III, pág. 1; cf. Lucien Lévy-Bruhl, *La mythologie primitive* (Paris, 1935), pág. 123. V. também T. G. H. Strehlow, *Aranda Traditions* (Melbourne University Press, 1947), pág. 6.

² C. Keysser, citado por Richard Thurnwald, *Die Engeborenen Australiens und der Südseeinseln* (Religionsgeschichtliches Lesebuch, 8, Tübingen, 1927), pág. 28.

³ Clyde Kluckhohn, "Myths and Rituals: A General Theory", *Harvard Theological Review*, vol. XXXV (1942), pág. 66. Cf. *ibid.* para outros exemplos.

⁴ Matthias Hermanns, *The Indo-Tibetans* (Bombaim, 1954), págs. 66 ss.

⁵ Vide M. Eliade, *Le Mythe de l'Éternel Retour* (Paris, 1949), págs. 44 ss.

⁶ *Le Mythe de l'Éternel Retour*, págs. 53 ss.

⁷ Clyde Kluckhohn, *op. cit.*, citando W. W. Hill, *The Agricultural and Hunting Methods of the Naváho Indians* (New Haven, 1938), pág. 179.

⁸ Cf. M. Eliade, *Mythes, rêves et mystères* (Paris, 1957), págs. 255-56.

importância para a compreensão do homem das sociedades arcaicas e tradicionais, e a ela retornaremos mais adiante.

"Histórias verdadeiras" e "histórias falsas"

Acrescentemos que, nas sociedades em que o mito ainda está vivo, os indígenas distinguem cuidadosamente os mitos — "histórias verdadeiras" — das fábulas ou contos, que chamam de "histórias falsas".

Os Pawnee "fazem uma distinção entre as "histórias verdadeiras" e as "histórias falsas", e incluem entre as histórias "verdadeiras", em primeiro lugar, todas aquelas que tratam das origens do mundo; seus protagonistas são entes divinos, sobrenaturais, celestiais ou astrais. Seguem-se os contos que relatam as maravilhosas aventuras do herói nacional, um jovem de origem humilde que se tornou o redentor de seu povo, livrando-o de monstros, salvando-o da fome e de outras calamidades e realizando outras façanhas nobres e salutares. Por fim, vêm as histórias relacionadas com os *medicine-men*, que explicam como tal ou tal feiticeiro adquiriu seus poderes pre-humanos, como nasceu tal ou tal associação de xamãs. As histórias "falsas" são as que, contam as aventuras e proezas nada edificantes do Coiote, o lobo das pradarias. Em suma, nas histórias "verdadeiras", defrontamo-nos com o sagrado e o sobrenatural; as "falsas", ao contrário, têm um conteúdo profano, pois o Coiote é extremamente popular nesta como em outras mitologias norte-americanas, onde aparece como trapaceiro, velhaco, embusteiro e tratante consumado".⁹

De modo análogo, os Cherokees distinguem entre os mitos sagrados (cosmogonia, criação das estrelas, origem da morte) e as histórias profanas, que explicam, por exemplo, certas peculiaridades anatômicas ou fisiológicas dos animais. A mesma distinção é encontrada na África. Os Hererós consideram "verdadeiras" as histórias que relatam a origem dos diferentes grupos da tribo, porque narram fatos que *realmente* aconteceram, enquanto que os contos mais ou menos cômicos não têm qualquer fundamento. E os indígenas de Togo consideram os seus mitos de origem "absolutamente reais".¹⁰

É por isso que os mitos não podem ser indiferentemente narrados. Em muitas tribos, eles não são recitados perante as mulheres e as crianças, isto é, perante os não-iniciados. Geralmente, os velhos instrutores comunicam os mitos aos neófitos, durante seu período de isolamento na mata, e isso faz parte de sua

⁹ R. Pettazzoni, *Essays on the History of Religions* (Leiden, 1954), págs. 11-12. Cf. também Werner Müller, *Die Religionen der Waldland-indianer Nordamerikas* (Berlim, 1956), pág. 42.

¹⁰ R. Pettazzoni, *op. cit.*, pág. 13.

iniciação. R. Piddington observa a propósito dos Karadjeri: "Os mitos sagrados que não podem ser conhecidos pelas mulheres dizem respeito principalmente à cosmogonia e, sobretudo, à instituição das cerimônias de iniciação".¹¹

Enquanto as "histórias falsas" podem ser contadas em qualquer parte e a qualquer momento, os mitos não devem ser recitados senão *durante um lapso de tempo sagrado* (geralmente durante o outono ou o inverno, e somente à noite).¹² Esse costume se conservou mesmo nos povos que ultrapassaram o estágio arcaico da cultura. Entre os turco-mongóis e os tibetanos, as cantigas épicas do ciclo Gesar só podem ser recitadas à noite e durante o inverno. "A recitação é comparada a um poderoso sortilégio. Ela ajuda a obter vantagens de todo tipo, particularmente êxito na caça e na guerra (...). Antes de iniciar a recitação, prepara-se uma área, que é pulverizada com farinha de cevada torrada. A audiência senta-se ao redor. O bardo recita a epopéia durante diversos dias. Dizem que, em outros tempos, viam-se nessa ocasião as pegadas dos cascos do cavalo de Gesar sobre a área preparada. A recitação, portanto, provocava a presença real do herói".¹³

O que revelam os mitos

É significativa a distinção feita pelos indígenas entre as "histórias verdadeiras" e as "histórias falsas". Ambas as categorias de narrativas apresentam "histórias", isto é, relatam uma série de eventos que se verificaram num passado distante e fabuloso. Embora os protagonistas dos mitos sejam geralmente Deuses e Entes Sobrenaturais, enquanto os dos contos são heróis ou animais miraculosos, todos esses personagens têm uma característica em comum: eles não pertencem ao mundo cotidiano. Não obstante, os indígenas sentiram tratar-se de "histórias" radicalmente diferentes. Tudo o que é narrado nos mitos *concerne diretamente a eles*, ao passo que os contos e as fábulas se referem a acontecimentos que, embora tendo ocasionado mudanças no Mundo (cf. as peculiaridades anatômicas ou fisiológicas de certos animais), não modificaram a condição humana como tal.¹⁴

¹¹ R. Piddington, citado por L. Lévy-Bruhl, pág. 115. Sobre as cerimônias de iniciação, cf. Eliade, *Naissances mystiques*, (Paris, 1959). (*Birth and Rebirth*, Nova York, 1958).

¹² Vide exemplos em R. Pettazzoni, *op. cit.*, pág. 14, n.º. 15.

¹³ R. A. Stein, *Recherches sur l'épopée et le barde au Tibet* (Paris. 1959), págs. 318-319.

¹⁴ Evidentemente, o que é considerado "história verdadeira" em uma tribo pode converter-se em "história falsa" para a tribo vizinha. A "demitificação" é um processo já registrado nos estágios arcaicos da cultura. O importante é o fato de os "primitivos" sempre sentirem a diferença entre os mitos ("histórias verdadeiras") e os contos ou lendas ("histórias falsas"). Cf. Apêndice 1 (Os mitos e os contos de fadas).

Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje — um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras. Se o Mundo *existe*, se o homem *existe*, é porque os Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no "princípio". Mas, após a cosmogonia e a criação do homem, ocorreram outros eventos, e o homem, *tal qual é hoje*, é o resultado direto daqueles eventos míticos, *é constituído por aqueles eventos*. Ele é, mortal porque algo aconteceu *in illo tempore*. Se esse algo não tivesse acontecido, o homem não seria mortal — teria continuado a existir indefinidamente, como as pedras; ou poderia mudar periodicamente de pele, como as serpentes, sendo capaz, portanto, de renovar sua vida, isto é, de recomeçá-la indefinidamente. Mas o mito da origem da morte conta o que aconteceu *in illo tempore*, e, ao relatar esse incidente, explica *por que* o homem é mortal.

De modo análogo, uma certa tribo vive da pesca, e isso porque, nos tempos míticos, um Ente Sobrenatural ensinou seus ancestrais a apanhar e a cozer os peixes. O mito conta a história da primeira pescaria, efetuada por um Ente Sobrenatural, e dessa forma revela simultaneamente um ato sobre-humano, ensina aos homens como devem efetuá-lo por seu turno e, finalmente, explica por que essa tribo deve nutrir-se dessa maneira.

Seria fácil multiplicar os exemplos. Mas os já citados demonstram por que, para o homem arcaico, o mito é uma questão de mais alta importância, ao passo que os contos e as fábulas não o são. O mito lhe ensina as "histórias" primordiais que o constituíram existencialmente, e tudo o que se relaciona com a sua existência e com o seu próprio modo de existir no Cosmo o afeta diretamente.

Veremos nas páginas seguintes as consequências que essa concepção singular teve para a conduta do homem arcaico. Podemos notar que, assim como o homem moderno se considera constituído pela História, o homem das sociedades arcaicas se proclama o resultado de um certo número de eventos míticos. Nem um nem outro se consideram "dados", "feitos" de uma vez por todas, assim como, por exemplo, se faz uma ferramenta de uma maneira definitiva. Um homem moderno poderia raciocinar do seguinte modo: eu sou o que sou hoje porque determinadas coisas se passaram comigo, mas esses acontecimentos só se tornaram possíveis porque a agricultura foi descoberta há uns oito ou nove mil anos e porque as civilizações urbanas se desenvolveram no antigo Oriente Próximo, porque Alexandre Magno conquistou a Ásia e Augusto fundou o Império Romano, porque Galileu e Newton revolucionaram a

concepção do universo, abrindo o caminho para as descobertas científicas e preparando o advento da civilização industrial, porque houve a Revolução Francesa e porque as idéias de liberdade, democracia e justiça social abalaram os alicerces do mundo ocidental após as guerras napoleônicas, e assim por diante.

De modo análogo, um "primitivo" poderia dizer: eu sou como sou hoje porque antes de mim houve uma série de eventos. Mas teria de acrescentar imediatamente: eventos que se passaram *nos tempos míticos*, e que conseqüentemente, constituem uma *história sagrada*, porque os personagens do drama não são humanos, mas Entes Sobrenaturais. Mais ainda: ao passo que um homem moderno, embora considerando-se o resultado do curso da História Universal, não se sente obrigado a conhecê-la em sua totalidade, o homem das sociedades arcaicas é obrigado não somente a rememorar a história mítica de sua tribo, mas também a *reatualizá-la* periodicamente em grande parte. É aqui que encontramos a diferença *mais* importante entre o homem das sociedades arcaicas e o homem moderno: a irreversibilidade dos acontecimentos que, para este último, é a nota característica da História, não constitui uma evidencia para o primeiro.

Constantinopla foi conquistada pelos turcos em 1453 e a Bastilha caiu a 14 de julho de 1789. Esses acontecimentos são irreversíveis. Claro que, tendo o 14 de julho se convertido na data nacional da República Francesa, a tomada da Bastilha é comemorada anualmente, mas o acontecimento histórico propriamente dito não é reatualizado.¹⁵ Para o homem das sociedades arcaicas, ao contrário, o que aconteceu *ab origine* pode ser repetido através do poder dos ritos. Para ele, portanto, o essencial é conhecer os mitos. Essencial não somente porque os mitos lhe oferecem uma explicação do Mundo e de seu próprio modo de existir no Mundo, mas sobretudo porque, ao rememorar os mitos e reatualizá-los, ele é capaz de repetir o que os Deuses, os Heróis ou os Ancestrais fizeram *ab origine*. Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. Em outros termos, aprende-se não somente como as coisas vieram à existência, mas também onde encontrá-las e como fazer com que reapareçam quando desaparecem.

O que significa "conhecer os mitos"

Os mitos totêmicos australianos geralmente consistem numa narrativa bastante monótona das peregrinações efetuadas pelos ancestrais míticos ou animais totêmicos. Eles contam como, nos "tempos do sonho" (*alcheringa*) —

¹⁵ Cf. *Mythes, rêves et mystères*, págs. 27 ss.

isto é, nos tempos míticos — esses Entes Sobrenaturais fizeram seu aparecimento sobre a Terra e empreenderam longas viagens, detendo-se algumas vezes para modificar a paisagem ou para produzir certos animais e plantas, até finalmente desaparecerem sob a terra. Mas o conhecimento desses mitos é essencial para a vida dos australianos. Os mitos ensinam como repetir os gestos criadores dos Entes Sobrenaturais e, conseqüentemente, como assegurar a multiplicação de tal ou tal animal ou planta.

Esses mitos são comunicados aos neófitos durante sua iniciação. Ou antes, eles são "celebrados", isto é, reatualizados. "Quando os jovens passam pelas diversas cerimônias de iniciação, celebra-se diante deles uma série de cerimônias que, embora representadas exatamente como as do culto propriamente dito — com exceção de certas particularidades características — não têm, contudo, por objetivo a multiplicação e o crescimento do totem em questão, destinando-se apenas a mostrar a maneira de celebrar esses cultos àqueles que estão para ser elevados, ou que acabam de ser elevados, à categoria dos homens".¹⁶

Vemos, portanto, que a "história" narrada pelo mito constitui um "conhecimento" de ordem esotérica, não apenas por ser secreto e transmitido no curso de uma iniciação, mas também porque esse "conhecimento" é acompanhado de um poder mágico-religioso. Com efeito, conhecer a origem de um objeto, de um animal ou planta, equivale a adquirir sobre eles um poder mágico, graças ao qual é possível dominá-los, multiplicá-los ou reproduzi-los à vontade. Erland Nordenskiöld relatou alguns exemplos particularmente sugestivos com relação aos índios Cuna. Segundo a crença desses índios, o caçador bem sucedido é aquele que conhece a origem da caça. E, quando chegam a domesticar animais, é porque os magos conhecem o segredo de sua criação. De modo análogo, é possível empunhar um ferro em brasa ou segurar serpentes venenosas quando se conhece a origem do fogo e das serpentes. Nordenskiöld conta que "numa aldeia Cuna, Tientiki, encontra-se um menino de catorze anos que entra impunemente no fogo, unicamente porque conhece o segredo da criação do fogo. Perez muitas vezes viu indivíduos segurarem ferros em brasa e outros domesticarem serpentes".¹⁷

Trata-se de uma crença bastante difundida, que não pertence a um tipo particular de cultura. Em Timor, por exemplo, quando germina um arrozal,

¹⁶ C. Strehlow, *Die Aranda-und Loritja-Sairnme*, vol. III, págs. 1-2; L. Lévy-Bruhl, *op. cit.*, pág. 123. Sl:51). Sobre as iniciações de puberdade na Austrália, cf *Naissances mystiques*, págs. 25 ss.

¹⁷ E. Nordenskiöld, "Faiseurs de, miracles et voyants chez les Indiens Cuna" (*Revista dei Instituto de Etnologia*. Tucuman, vol. II, 1932), pág. 464; Lévy-Bruhl, *op. cit.*, pág. 118.

dirige-se ao campo alguém que conhece as tradições míticas referentes ao arroz. "Ele passa a noite na cabana da plantação, recitando as lendas que explicam como o homem veio a possuir o arroz (mito de origem)... Os que fazem isso não são sacerdotes".¹⁸ Recitando o mito de origem, obriga-se o arroz a crescer tão belo, vigoroso e abundante como era quando *apareceu pela primeira vez*. Não é com o fim de "instruí-lo" ou ensinar-lhe a maneira como deve comportar-se que o oficiante lembra ao arroz o modo como foi criado. Ele o *força magicamente a retornar à origem*, isto é, a reiterar sua criação exemplar;

O *Kalevala* relata como o velho Väinämöinen se feriu gravemente enquanto construía um barco. "Ele se pós então a tecer encantamentos à maneira de todos os curandeiros mágicos. Cantou o nascimento da causa de seu ferimento, mas não conseguia recordar as palavras que contavam o começo do ferro, justamente as palavras que poderiam sanar o talho aberto pela lâmina de aço azul". Finalmente, depois de recorrer ao auxílio de outros magos, Väinämöinen exclamou: "Agora recordo a origem do ferro!" e começou a seguinte narrativa: O Ar é a primeira dentre as mães. A Água é o mais idoso dos irmãos, o Fogo é o segundo e o Ferro é o mais, jovem dos três. Ukko, o grande Criador, separou a Terra e a Água e fez aparecer o sol nas regiões marinhas, mas o ferro ainda não havia nascido. Esfregou então suas palmas sobre o joelho esquerdo. Assim nasceram as três fadas que se tornaram as mães do ferro¹⁹, Observemos que, nesse exemplo, o mito da origem do ferro faz parte do Mito cosmogônico e, em certo sentido, o prolonga. Temos aqui uma característica específica extremamente importante dos mitos de origem, que analisaremos no próximo capítulo.

A idéia de que um remédio não age, a menos que sua origem seja conhecida, é muito difundida. Citemos novamente Erland Nordenskiöld: "Cada canto mágico deve ser precedido de um encantamento que fala da origem do remédio empregado, caso contrário, ele não terá efeito... Para que o remédio ou o canto curador tenham efeito, é preciso conhecer a origem da planta, a maneira como foi concebida pela primeira mulher".²⁰ Nos cânticos rituais na-khi, publicados por J. F. Rock, diz-se expressamente: "Se não se relatar a origem do medicamento, é inútil empregá-lo".²¹ Ou: "A menos que se relate a sua origem,

¹⁸ A. C. Kruyt, citado por Lévy-Bruhl, *op cit.*, pág. 119.

¹⁹ A ili Kolehmainen Johnson, *Kalevala. A Prose translation from the Finnish* (Hancock, Michigan, 1950), pág. 53 ss.

²⁰ E. Nordenskiöld, "La conception de l'âme chez les Indiens Cuna de l'Isthme de Panama" (*Journal des Américanistes*, N. S., t. 24, 1932, págs. 5-30), pág. 14.

²¹ J. F. Rock, *The Na-Khi Nâga Cult and related ceremonies* (Roma, 1952), vol. II, pág. 474.

não se deve falar a respeito".²²

Veremos no próximo capítulo que, assim como no mito de Väinämöinen acima citado, a origem dos remédios está intimamente relacionada à narração da origem do mundo. Precisaremos aqui, entretanto, tratar-se de uma concepção geral, que pode ser formulada do seguinte modo: *não se pode realizar um ritual, a menos que se conheça a sua "origem", isto é, o mito que narra como ele foi efetuado pela primeira vez*. Durante o serviço funerário, canta o xamã na-khi, dto-mba:

*Vamos agora acompanhar o morto
e conhecer novamente a amargura.
Vamos dançar outra vez e afugentar os demônios.
Se não se sabe de onde vem a dança
Não se deve falar a respeito.
Se se ignora a origem da dança
Não se pode dançar.*²³

Isso lembra estranhamente as declarações dos Uitoto a Preuss: "Estas são as palavras (os mitos) de nosso pai, suas próprias palavras. Graças a essas palavras nós dançamos, e não haveria dança se não as tivéssemos recebido dele".²⁴

Na maioria dos casos, não basta conhecerem o mito da origem, é preciso recitá-lo; em certo sentido, é uma proclamação e uma *demonstração* do próprio conhecimento. E não é só: recitando ou celebrando o mito da origem, o indivíduo deixa-se impregnar pela atmosfera sagrada na qual se desenrolaram esses eventos miraculosos. O tempo mítico das origens é um tempo "forte", porque foi transfigurado pela presença ativa e criadora dos Entes Sobrenaturais. Ao recitar os mitos, reintegra-se àquele tempo fabuloso e a pessoa torna-se, conseqüentemente, "contemporânea", de certo modo, dos eventos evocados, compartilha da presença dos Deuses ou dos Heróis. Numa fórmula sumária, poderíamos dizer que, ao "viver" os mitos, sai-se do tempo profano, cronológico, ingressando num tempo qualitativamente diferente, um tempo "sagrado", ao mesmo tempo primordial e indefinidamente recuperável. Essa função do mito, sobre a qual já insistimos no *Le Mythe de l'Éternel Retour* (especialmente às págs. 35 ss.), surgirá ainda mais claramente no curso das próximas análises.

²² *Ibid.*, vol. II, pág. 487.

²³ J. F. Rock, *Zhi-ma funeral ceremony of the Na-khi* (Vienna Modling, 1955), pág. 87.

²⁴ K. T. Preuss, *Religion und Mythologie der Uitoto*, vols. I-II (Gottingen, 1921-1923), pág. 625.

Estrutura e função dos mitos

Essas poucas observações preliminares bastam para indicar alguns aspectos característicos do mito. De modo geral pode-se dizer que o mito, tal como é vivido pelas sociedades arcaicas, 1) constitui a História dos atos dos Entes Sobrenaturais; 2) que essa História é considerada absolutamente *verdadeira* (porque se refere a realidades) e *sagrada* (porque é a obra dos Entes Sobrenaturais); 3) que o mito se refere sempre a uma "criação", contando como algo veio à existência, ou como um padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar foram estabelecidos; essa a razão pela qual os mitos constituem Os paradigmas de todos os atos humanos significativos; 4) que, conhecendo o mito, conhece-se a "origem" das coisas, chegando-se, conseqüentemente, a dominá-las e manipulá-las à vontade; não se trata de um conhecimento "exterior", "abstrato", mas de um conhecimento que é "vivido" ritualmente, seja narrando cerimonialmente o mito, seja efetuando o ritual ao qual ele serve de justificação; 5) que de uma maneira ou de outra, "vive-se" o mito, no sentido de que se é impregnado pelo poder sagrado e exaltante dos eventos rememorados ou reatualizados.

"Viver" os mitos implica, pois, uma experiência verdadeiramente "religiosa", pois ela se distingue da experiência ordinária da vida quotidiana. A "religiosidade" dessa experiência deve-se ao fato de que, ao reatualizar os eventos fabulosos, exaltantes, significativos, assiste-se novamente às obras criadoras dos Entes Sobrenaturais; deixa-se de existir no mundo de todos os dias e penetra-se num mundo transfigurado, auroral, impregnado da presença dos Entes Sobrenaturais. Não se trata de uma comemoração dos eventos míticos, mas de sua reiteração. O indivíduo evoca a presença dos personagens dos mitos e torna-se contemporâneo deles. Isso implica igualmente que ele deixa de viver no tempo cronológico, passando a viver no Tempo primordial, no Tempo em que o evento *teve lugar pela primeira vez*. É por isso que se pode falar no "tempo forte" do mito: é o Tempo prodigioso, "sagrado", em que algo de *novo*, de *forte* e de *significativo* se manifestou plenamente. Reviver esse tempo, reintegrá-lo o mais freqüentemente possível, assistir novamente ao espetáculo das obras divinas, reencontrar os Entes Sobrenaturais e reapreender sua lição criadora é o desejo que se pode ler como em filigrana em todas as reiteraões rituais dos mitos. Em suma, os mitos revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenaturais, e que essa história é significativa, preciosa e exemplar.

Nada melhor para concluir este capítulo do que citando as passagens clássicas em que Bronislav Malinowski tentou demonstrar a natureza e a função

do mito nas sociedades primitivas: "O mito, quando estudado ao vivo, não é uma explicação destinada a satisfazer uma curiosidade científica, mas uma narrativa que faz reviver uma realidade primeva, que satisfaz a profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões e a imperativos de ordem social, e mesmo a exigências práticas. Nas civilizações primitivas, o mito desempenha uma função indispensável: ele exprime, enaltece e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais; garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação do homem. O mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente; não é absolutamente uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática (...)."Essas histórias constituem para os nativos a expressão de uma realidade primeva, maior e mais relevante, pela qual são determinados a vida imediata, as atividades e os destinos da humanidade. O conhecimento dessa realidade revela ao homem o sentido dos atos rituais e morais, indicando-lhe o modo como deve executá-los".²⁵

²⁵ B. Malinowski, *Myth in Primitive Psychology* (1926); reproduzido no volume *Magic, Science and Religion*, Nova York, 1955, págs. 101-108.